



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Lampreia, Carolina

Os Enfoques Cognitivista e Desenvolvimentista no Autismo: Uma Análise Preliminar

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 111-120

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817114>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Os Enfoques Cognitivista e Desenvolvimentista no Autismo Uma Análise Preliminar

Carolina Lampreia<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### Resumo

A imprecisão do conceito de autismo pode ser vista pela diversidade de quadros clínicos que entram nessa condição, explicada por diferentes enfoques teóricos. Desde a descrição de Kanner, o autismo tem sido visto tanto como um problema afetivo/social, quanto como um problema cognitivo. Nas décadas de 1970/80, alguns autores consideraram o déficit social como primário no autismo enquanto outros defendiam o prejuízo da habilidade cognitiva da linguagem. O debate sobre a natureza do autismo é inconclusivo. Hoje predominam dois enfoques teóricos: o cognitivista e o desenvolvimentista que revivem a oposição social x linguagem. O objetivo deste artigo é iniciar uma reflexão a respeito da relevância do esclarecimento epistemológico e das implicações de diferentes enfoques teóricos do autismo para a busca da etiologia e a busca de intervenção. *Palavras-chave:* Autismo; cognitivismo; desenvolvimentismo.

A Preliminary Analysis of Cognitive and Developmental Approaches in Autism

### Abstract

The diversity of clinical pictures and different theoretical approaches may explain the blurred boundaries of the concept of autism. Since Kanner, autism has been explained either as a social/affective deficit or a cognitive one. In the 1970/80s, some authors argued that the primary deficit was social/affective while others that it was cognitive. The debate about the nature of autism is inconclusive. Today the cognitive and developmental approaches predominate. The latter revives the social x language opposition. One of its epistemological assumptions is to view autism as a cognitive disorder. The purpose of this article is to start a discussion about the importance of the epistemological assumptions of the different theoretical approaches to autism for the search of its etiology and intervention.

*Keywords:* Autism; cognitivism; developmentalism.

O conceito de autismo é um conceito, ainda nos dias de hoje, de contorno bastante impreciso, imprecisão esta que pode se dar em diferentes níveis. Por um lado, quanto às características comportamentais, podemos encontrar, diagnosticadas como autistas, crianças que falam e outras que não falam; crianças com pouco ou nenhum tipo de contato social e outras com um tipo bizarro de relacionamento; crianças com deficiência mental e outras com um nível de desenvolvimento adequado para sua idade. Esse é um nível de imprecisão que é fluido, que

outros dois itens requeridos para o diagnóstico, o número de combinações possíveis de sintomas, da etiologia, ou possíveis etiologias, é grande, uma tentativa de definição que é fluida, que

Outro nível de imprecisão é o nível de diferentes concepções de autismo. O conceito teórico – desenvolvimentista ou cognitivista – é fluido, que

Nos anos 1970/80, deu-se um importante debate sobre qual seria o prejuízo primário no autismo, prevalecendo duas posições vistas como antagônicas. A primeira defendia um prejuízo do relacionamento social que prejudicaria o desenvolvimento da linguagem, enquanto a segunda defendia um problema mais básico na área da linguagem que prejudicaria a interação social. Seria possível argumentar que esta polarização talvez não faça sentido na medida em que podemos considerar que está implícita, no conceito de interação social, a idéia de comunicação e que nesta está implícito o conceito de interação social. Ou seja, seria possível argumentar que, por definição, não há linguagem/comunicação sem interação social, assim como não há interação social sem comunicação. Contudo, esta argumentação pode não ser tão óbvia quanto parece ser.

Embora este tipo de debate não seja mais predominante na literatura atual, torna-se importante revê-lo por duas razões. Em primeiro lugar, para analisar e tentar esclarecer os conceitos de social e linguagem no autismo. Parece haver uma certa imprecisão quanto a estes conceitos, na medida em que comportamentos de comunicação não-verbal, como gestos, podem ser também concebidos como comportamentos sociais, como o faz o DSM-IV (APA, 1995). Em segundo lugar, este tipo de debate também permite refletir sobre a possível dissolução das oposições teóricas subjacentes às posições adotadas. Aqueles que defendem um prejuízo primário da linguagem costumam adotar um enfoque cognitivista, enquanto os defensores de um prejuízo social adotam, principalmente nos dias atuais, um enfoque desenvolvimentista que concebe os problemas de interação social como decorrendo de uma falha muito básica na capacidade de expressividade e responsividade emocional/afetiva. Em outras palavras, a discussão dos conceitos de interação social e linguagem está intimamente relacionada à discussão dos pressupostos teóricos envolvidos. E isto tem implicações para o próprio conceito de autismo, que não pode ser definido apenas a

desenvolvimentista atual e como conclusão do alcance de suas implicações.

#### **Histórico dos Posicionamentos Teóricos**

Ao longo dos anos, desde a primeira descrição da síndrome descrita por Kanner (1943), o autismo é visto, predominantemente, ora como um distúrbio afetivo, ora como um distúrbio cognitivo. Serão discriminadas neste sentido<sup>2</sup>. Na proposta de formulação inicial de Kanner, o autismo é um distúrbio de contato afetivo. O desligamento das relações humanas, antes dos 12 meses de idade, é uma das categorias discriminadas, no seu estudo de 1943, entre o autismo junto com a falha no uso da linguagem, a comunicação, a manutenção da rotina, os objetos e as boas potencialidades cognitivas (Kanner, 1956). Em 1956, depois de efetuar um *follow-up*, são isolados dois aspectos patogênicos: o isolamento extremo e a insistência obsessiva na rotina, que se manifestam nos dois primeiros anos de vida. Contudo, o problema principal está na área da inabilidade de se relacionar de forma adequada com outros seres humanos", menciona Eisenberg & Kanner (1958, p. 558-559). Em termos de etiologia, Kanner (1956) afirma que haja um agente etiológico único, sendo produzido conjuntamente por fatores inatais e ambientais.

Na segunda fase, ao longo das décadas de 1960 e 1970, o autismo passa a ser visto, predominantemente, como um distúrbio cognitivo. Nesta época, ele deixa de ser visto como uma condição envolvendo basicamente o desenvolvimento social e emocional, e passa a ser considerado como um transtorno do desenvolvimento envolvendo problemas cognitivos severos com origem em atrasos de maturação cerebral. A observação da existência de atrasos cognitivos no autismo é de Kanner (1956), que afirma que

Na terceira fase, a partir do final da década de 1980, vários autores passam a pesquisar em detalhe o prejuízo social e a adotar um enfoque desenvolvimentista. Sua posição é que a incapacidade inata de se relacionar com pessoas, isto é de responder emocionalmente aos outros, teria como uma de suas consequências o prejuízo do desenvolvimento da comunicação não-verbal e por conseguinte da linguagem. Alguns dos principais autores representativos desta posição são Trevarthen (Trevarthen, Aitken, Papoudi & Robarts, 1998), Hobson (2002) e Dawson (Dawson & Galpert, 1986; Dawson & Lewy, 1989). Embora esta visão desenvolvimentista ganhe cada vez mais adeptos, ainda há autores, como por exemplo Frith (1997) e Baron-Cohen (2000), que defendem a visão cognitivista da Teoria da Mente. Segundo esta posição, autistas não possuem a habilidade de imaginar e compreender o estado mental dos outros, isto é, de ter uma teoria da mente, por terem o mecanismo cognitivo inato, responsável por esta habilidade, prejudicado. Por esta razão, têm seu comportamento social afetado.

As diferentes posições envolvidas neste debate concordam que na base do autismo encontra-se um prejuízo biológico que seria responsável pelas características comportamentais, sobre as quais também há concordância. Contudo, elas diferem principalmente, como visto, em seu enfoque teórico: cognitivista x desenvolvimentista. E isto tem implicações para a conceituação do autismo. Uma das possíveis formas para se pensar a imprecisão deste conceito é procurar esclarecer a dicotomia social x linguagem.

### **O Debate sobre o Prejuízo Primário no Autismo**

Será apresentado aqui o debate ocorrido em 1970/80. Primeiro serão considerados os argumentos em favor de um prejuízo primário da linguagem e, em seguida, os argumentos do prejuízo primário da interação social. Em cada uma dessas partes, serão vistos inicialmente os prejuízos mais característicos e, em seguida, os argumentos em favor de ser o prejuízo primário. Finalmente, serão vistas algumas críticas ao debate e suas implicações para a conceituação do autismo.

O prejuízo lingüístico no autismo é caracterizado por dificuldades de comunicação não-verbal, problemas de compreensão de fala, assim como problemas de expressão e de habilidades que precedem a linguagem, como a imitação, o uso significativo de palavras e a fala. Há também falhas na compreensão da linguagem mímica e do apontar.

Stone, Ousley, Yoder, Hogan & Risi (2004) mostraram que, no primeiro ano de vida, os autistas têm dificuldade para se comunicar não-verbalmente, com dificuldades de vocalizações e gestos pré-lingüísticos. Eles apresentariam um padrão desordenado de comunicação com déficits de compreensão e produção de formas não-verbais de comunicação, com uma amplitude limitada de comportamentos verbais, isto é, um uso menos fértil de apontar e mostrar objetos.

Crianças autistas apresentam dificuldades para produzir comunicações não-verbais tais como expressões faciais, entonação (Garfin & Lord, 2000) e a capacidade de compartilhar a atenção, que é uma das maiores dificuldades do autismo (Perucchini, Muratori & Milone, 1997; Mundy & Sigman, 1989).

Problemas no desenvolvimento social são comuns, como imitar, especialmente se combinado com um uso de jogo simbólico deficiente, apontar e falar. O autismo é um diagnóstico de exclusão, ou seja, o diagnóstico de autismo em vez de transtorno de linguagem ou retardo (Rapin, 1997). Rapin (1997) encontrou que o jogo simbólico é um bom marcador de critério de diagnóstico em crianças com suspeita de autismo.

Com relação aos aspectos práticos, o prejuízo da compreensão e uso da linguagem é mais comum no contexto social, mas não necessariamente literal. Embora os autistas possam ter dificuldades com a expressão facial, contudo, a expressão facial é normal - expressão facial, contudo, é normal.

habilidades pré-verbais como o jogo simbólico ou de faz-de-conta; os autistas não conseguem se comunicar através do uso de gestos, como as crianças surdas fazem; há falha em responder à comunicação dos outros e em sustentar uma conversa, além de haver uma falta de uso social das habilidades de linguagem possuídas.

Como mencionado anteriormente, Rutter (1976) é um dos que defendem a posição de que o prejuízo da linguagem é anterior ao prejuízo social. Este autor vai contra o argumento de Kanner (1943) de que é o retraimento social que leva aos problemas de linguagem, considerando que, ao contrário, o problema social parece estar vinculado ao problema de linguagem. Seu argumento é que o atraso na fala é uma condição quase invariável no autismo e que a linguagem é o fator de prognóstico mais importante, fora o QI. Cita também um estudo em que vários autistas deixaram de apresentar retraimento social mas permaneceram sem fala e tinham dificuldades em compreender instruções faladas, embora obedecessem a gestos e demonstrações. Sua conclusão é que a falha em falar se deve a uma falha básica em habilidades de linguagem e não à falta de motivação para falar ou o retraimento social (Rutter, 1968). Ele argumenta que o déficit na compreensão da linguagem em geral – o problema simbólico – e não especificamente o déficit da fala, parece ser primário e não secundário ao problema social. Para ele, a hipótese da linguagem oferece uma explicação que parece dar conta da maioria dos principais resultados, embora a natureza da anormalidade básica de linguagem permaneça desconhecida (Rutter, 1968, 1976). Em suma, o déficit cognitivo seria uma parte essencial do autismo e as anormalidades da linguagem, uma parte essencial desse déficit cognitivo (Rutter, 1976).

Wing também se posiciona a favor de um déficit mais básico na área da linguagem, embora focalize primordialmente em seu escritos a área social. Em um texto em que aborda a questão do possível prejuízo primário, Wing (1980) advoga em favor de problemas cognitivos que afetam a compreensão e o uso da linguagem, em quaisquer de suas formas. Ela

entre distúrbio da fala receptiva e autismo simbólicos.

Em suma, vários pesquisadores recorrem a argumentos comunicativos muito precoces que podem sugerir que os déficits no uso e compreensão da comunicação verbal e na atenção compartilhada. Wing (1976), que concebem o prejuízo linguístico como mais básico, argumentam que: o isolamento social é uma inferência a partir de problemas cognitivos primários. O prejuízo social consiste em dificuldades de comunicação verbal e não-verbal; a falha em falar se deve ao retraimento social, sendo o problema social anterior ao problema social.

#### **O prejuízo da interação social**

A observação de vários desvios comportamentais, desde o nascimento, ou pelo menos muito cedo no desenvolvimento, inicial, tem levado inúmeros pesquisadores a suspeitar de um transtorno em processos neurobiológicos que poderiam prejudicar o desenvolvimento social e a socialização no autismo (Dawson & Galpert, 1986; Mundy & Richer, 1976; Rutter, 1978; Rutter & Schoppe, 1986; Wing, 1986).

Em termos mais gerais, dentre os desvios comportamentais mencionados a apreciação inadequada de desvios de atenção, a falta de reciprocidade socioemocional (Rutter, 1988), transtornos nas capacidades expressivas e de compreensão iniciais e dificuldade para discriminar e interpretar expressões faciais (Dawson & Galpert, 1986), e dificuldades específicas no desenvolvimento de competências de comunicação não-verbal (Mundy & Sigman, 1986).

Em termos mais específicos, tem sido observado que os autistas têm dificuldade de aconchego no colo, de antecipação postural e de fixação ocular. Foi observado também uma ausência de expressão facial, que o bebê raramente ri ou chorar, e uma imitação gestual (Dawson & Galpert, 1986). Eles têm dificuldade de regular a interação social (Rutter & Schoppe, 1986), e apresentam falta de respostas às emoções dos outros (Rutter, 1978).

percepção de pessoas e da interação social recíproca. As autoras consideram que está em aberto a questão de se esses déficits na cognição social são a causa subjacente das anormalidades do comportamento social e das relações interpessoais. E afirmam que a relação causal inversa também é uma possibilidade.

Em outro trabalho, Wing (1988) afirma que o problema central que, por definição, é tanto necessário como suficiente para o diagnóstico de uma desordem no continuum do espectro autista, é um prejuízo intrínseco no desenvolvimento da habilidade de se engajar em interação social recíproca. E Waterhouse, Wing e Fein (1989) consideram que os problemas de interação social são a base para todos os esquemas de diagnóstico.

Desta maneira, embora Wing não considere o problema de interação social como sendo primário no autismo, todo o seu trabalho se desenvolve em torno desta questão, chegando inclusive a propor um sistema de classificação do espectro autista baseado na qualidade da interação social – isolamento social, interação passiva, interação ativa mas bizarra (Wing & Gould, 1979) – e a conceber o autismo a partir de uma tríade de prejuízos: 1) na interação social, com falhas no reconhecimento social; 2) da comunicação social, que afeta o dar e receber sinais verbais e não-verbais, pré-verbais sociais; 3) da imaginação e compreensão social que afeta a habilidade de copiar ações dos outros com compreensão de seu significado e objetivo, e interfere com o desenvolvimento do faz-de-conta e da teoria da mente (Wing, 1988). O prejuízo social passa a ser concebido mais como um critério essencial para o autismo do que um déficit primário.

Mas outros autores são mais específicos na defesa de um prejuízo social anterior ao prejuízo de linguagem, concebendo-o como uma desordem primária. Mundy e Sigman (1989) argumentam que os déficits sociais e emocionais são componentes fundamentais da desordem e não epifenômenos de disfunção cognitiva sendo que alguns dos primeiros tipos de déficit parecem ocorrer na expressão afetiva e comunicação não-verbal.

elas, o baixo nível de competência emocional, que é a capacidade de reconhecer e lidar com os próprios sentimentos. Esta conclusão se baseia em estudos que mostram que pessoas com baixa competência emocional tendem a ter sentimentos deprimidos e ansiosos, e que tendem a lidar com os sentimentos deprimidos e ansiosos de forma inadequada. Por exemplo, elas podem ignorar os sentimentos deprimidos e ansiosos, ou tentar lidar com eles de forma excessivamente emocional, o que pode levar a resultados negativos.

Em suma, vários autores recorrentes ao tema, evidenciado principalmente as capacidades receptiva e expressiva, especificamente, uma apreciação socioemocional, falta de reciprocidade, ausência de expressão facial, dificuldade de compreender expressões faciais. Muitos autores, como Rutter e Wing, que não consideram a deficiência como sendo primário no ato comunicativo, mas como características. Aqueles que defendem a deficiência primária argumentam basicamente que a comunicação não-verbal é um dom que não se desenvolve devido a problemas cognitivos e linguísticos, ou seja, prejuízo afetivo; há uma falha na capacidade de perceber e interpretar as emoções para se comunicar através de outras formas de comunicação. A deficiência social é anterior aos problemas de linguagem.

## Relativizando a oposição social

Algumas ponderações precisam relativizar, em certa medida, a visão de que as interações entre pais e filhos no autismo são mais qualitativamente deficitárias. Sigman (1989), por exemplo, afirma que a dificuldade visual-ocular pode ocorrer em alguns casos de autismo, mas que crianças autistas respondem de forma similar a outras crianças quando o apego não está completamente desorganizado. Cairns (1986) afirma que existe uma deficiência de reciprocidade mas uma falha no estabelecimento de reciprocidade de forma normal.

Em segundo lugar, algumas correlações entre os prejuízos

tinham alguma linguagem e algumas imitavam o faz-de-conta, enquanto as ‘ativas mas bizarras’ tinham alguma linguagem ou falavam (Wing, 1988)

Em terceiro lugar, alguns autores como Schopler e Mesibov (1986), defendem a não separação entre social e linguagem. Olley (1985) diz que comunicação é, por definição, um ato social, e Lord (1985) considera a linguagem uma habilidade social. Richer (1976) também concebe a linguagem como uma habilidade social, e por isso déficits sociais poderiam impedir o desenvolvimento da linguagem e competência comunicativa. Contudo, ele observa que o oposto também se aplica. Por isso, considera que pode ser frutífero estudar padrões de interação social dos autistas para ver que implicações eles podem ter tanto para a socialização quanto para a comunicação. Da mesma maneira, Garfin e Lord (1986) consideram a comunicação como um tipo de comportamento social e propõem que se discuta: a relação entre problemas de comunicação e problemas sociais; aspectos da comunicação relacionados mais diretamente ao funcionamento social; e elementos do desenvolvimento social que afetam a aprendizagem e uso das habilidades de comunicação. Por fim, Cairns (1986) afirma que é difícil imaginar que o desenvolvimento social proceda independentemente do desenvolvimento da linguagem ou vice-versa. Ele observa que a construção teórica, relevante a esses dois domínios, tem progredido *como se os teóricos vivessem em terras diferentes*. Para este autor, a convergência das disfunções sociais e de linguagem no autismo pode proporcionar um novo *insight* para a questão mais ampla de como esses domínios podem ser integrados teoricamente. E isto parece estar presente nas propostas de alguns autores desenvolvimentistas.

### A Visão Desenvolvimentista do Autismo

A perspectiva desenvolvimentista traz uma nova forma de entendimento dos prejuízos do autismo sem cair na oposição linguagem/social, mostrando ao contrário como estas capacidades humanas estão relacionadas, ou melhor, complementares, uma ao lado da outra. Isto é, é possível que

intersubjetividade, mais profundas e compreensões precoce, estão prejudicadas.

A partir da observação de filmes, este autor observa que bebês nascem com a capacidade de se comunicar. Eles sentem, sentem os sentimentos, interesses e objetivos das pessoas que os rodeiam. Ainda muito pequenos, eles reconhecem a voz da mãe e a de conversar com elas. Esta primeira fase de comunicação é chamada de intersubjetivo, que aparece logo após o nascimento. Ela consiste em conversações que envolvem uma alternância de turnos de atos expressivos. Mãe e bebê trocam expressões e percepções ativas de emoções e sentimentos face-a-face. A mãe usa o manhês (*motherese*) para falar ao bebê expressões com a face e as mãos. O bebê responde brincando com afeto, imita e pega a mão da mãe.

De acordo com Trevathen e colab. (1994), a ausência de desenvolvimento social no autismo é uma condição que afeta o desenvolvimento da capacidade de comunicação. O autista tem um sistema interativo pré-lingüístico inato, desenvolvido provavelmente no primeiro mês do desenvolvimento, no embrião, em uma região do cérebro por baixo da formação de Motivo Intrínseca (*Intrinsic Motivation*). Desta maneira, a falta de respostas e de interações sociais, por parte do bebê autista, tende a resultar em transações comunicativas e emocionais desequilibradas. Se o problema seria, então, um déficit específico de comunicação, a questão é: qual é o motivo? E isto é o que se discute na segunda fase do relacionamento infantil, a fase de intersubjetividade secundária que se desenvolve entre os 9 meses de idade e é caracterizada pela interação social. Nesta fase, as interações mãe-bebê passam a ser mais complexas e envolver mais objetos que são motivo de interesse. O bebê, que antes só olhava para a mãe, agora olha para o brinquedo e vice-versa. A mãe olha para o brinquedo, ouve a voz do bebê e responde ao brinquedo. Aqui, o bebê passa a combinar gestos para fazer declarações, observações e perguntas, compartilhar interesse em eventos e objetos que são compartilhada cuja ausência é um dos marcos da terceira fase, a fase de socialização.

Adotando também um enfoque intersubjetivo, Hobson (2002) acredita que subjacente ao autismo está uma falta de comportamento inato para a coordenação com o comportamento social das outras pessoas. Faltaria ao bebê que irá desenvolver um quadro autista, o engajamento pessoa-a-pessoa, as habilidades para a conexão emocional e a comunicação não-verbal, isto é, a responsividade emocional. E assim como Trevarthen e colaboradores, Hobson também considera que é o engajamento social que proporciona os fundamentos da linguagem.

De acordo com Hobson (2002), o que caracteriza o humano é o simbolizar, e são as relações interpessoais que promovem a compreensão e uso de símbolos. Mas, ele parte do princípio que alguns componentes do funcionamento mental são inatos e que o desafio é descobrir quais habilidades são subjacentes a outras habilidades de maneira a refazer o processo de desenvolvimento. Em um primeiro momento, a nível filogenético, teria sido uma mudança na natureza do engajamento social dos primatas, que envolve mudanças sutis porém profundas nas interações face-a-face, que teria levado aos tipos de pensar e de linguagem representativos dos seres humanos. Em um segundo momento, a nível ontogenético, Hobson se refere a uma linguagem universal do corpo, isto é inata, que estaria na base para o engajamento interpessoal e o simbolizar. Ele observa que os bebês estão aptos para perceber e reagir ao comportamento e expressões das outras pessoas, e a tomar seu papel na dança comunicativa do intercâmbio interpessoal. Uma de suas observações mais importantes parece ser que, desde os primeiros meses de vida, os bebês se relacionam com as pessoas como pessoas, isto é, eles fazem mais do que apresentar padrões coordenados de comportamento com outras pessoas; eles estão emocionalmente conectados a elas. Seria através desta conectividade emocional que o bebê descobriria o tipo de coisa que uma pessoa é, e como consequência aprenderia a diferenciar pessoas de coisas. Como exemplos, podem ser citadas as habilidades do bebê de seis semanas de idade para manter contato ocular e com

importantes da comunicação e linguagem.

Na visão de Hobson (2002), a falta de responsividade emocional, o engajamento intersubjetivo e o desenvolvimento acima descrito no relacionamento e no compartilhamento da vida imaginativa assim como a linguagem sem sentido.

Uma terceira posição desenvolvida que considera o debate sobre a proposta cognitivista versus cognitivos sem sentido, que prejudicados nos autistas têm tanto como cognitivas. Dawson e Gaston (1989) apresentam uma proposta do autismo. Apoiados em pesquisas, os autores pretendem apresentar levantar algumas hipóteses sobre a ativação do bebê, déficits de atenção e prejuízo do desenvolvimento social. Sua posição é que bebês autistas têm sensibilidade para estímulos novos, como o comportamento de consequência, as pessoas se tornam aversivas para o bebê provocando que afetarão a formação inicial das emoções e a coordenação afetiva. No final, os autores apresentam uma intervenção utilizando a imitação de uma criança autista como estratégia para aumentar a atenção social e aumentar a responsividade. A proposta de intervenção foi pensada de maneira a incluir a promova a interação social.

intersubjetivos subseqüentes que possibilitam o desenvolvimento da comunicação não-verbal e verbal. No caso do autismo, tendo em vista uma falha biológica inicial, todo o processo de desenvolvimento será desvirtuado.

Os três autores propõem, no caso do autismo, uma falha emocional inicial, isto é, uma falha nas capacidades expressivas e receptivas inatas. Sem estas capacidades, o processo de intersubjetividade primária que envolve as primeiras interações face-a-face mãe-bebê não pode ocorrer, ou ocorre de forma limitada e desvirtuada. Conseqüentemente, o processo de intersubjetividade secundária, que envolve agora uma relação tripartite mãe-bebê-objeto, também será prejudicada. E este último processo é fundamental porque é através da atenção compartilhada, que o caracteriza, que se desenvolve a capacidade de simbolizar base do desenvolvimento da comunicação não-verbal e, posteriormente, verbal.

Esta perspectiva pode ter como uma de suas consequências a dissolução da oposição linguagem x social. A linguagem passa a ser vista como comunicação – verbal e não-verbal – que se desenvolve a partir da interação mãe-bebê – intersubjetividade primária e secundária. Outra consequência possível diz respeito ao argumento que linguagem e social são, por definição, a mesma coisa. Se considerarmos que a sensibilidade social é um pré-requisito para o início das relações intersubjetivas, então a capacidade de relacionamento social seria anterior ao desenvolvimento da linguagem/comunicação. Na verdade, a partir dos pressupostos do enfoque desenvolvimentista, seria possível afirmar que a oposição ou identidade, entre linguagem e social, é um falso problema, ou uma questão mal colocada. O enfoque trata de um contínuo que se inicia com a sensibilidade social e se prolonga até a aquisição da comunicação verbal.

Esta ênfase no processo de desenvolvimento pode ser vista como representando uma perspectiva construtivista que se opõe à perspectiva racionalista apresentada por aqueles que adotam uma posição cognitivista.

ser o prejuízo social o prejuízo primário, também comentada a importância de se ocorrido nas décadas de 1970/80 sobre o de maneira a procurar esclarecer os conceitos de linguagem, já que gestos são vistos tanto social quanto como comunicação, e avaliar de dissolução das oposições teóricas subjacentes cognitivista x enfoque desenvolvimentista, seria uma tentativa de iniciar uma reflexão sobre a relevância do esclarecimento dos aspectos epistemológicos e das implicações de diferentes teóricos do autismo, para a busca de uma intervenção.

A discussão apresentada na parte relativa ao prejuízo primário pode parecer contraditória, já que diferentes posições concordam quanto a autismo e quanto às características comuns a déficits sociais e de linguagem. Contudo, um déficit primário em uma área mas resulta em déficits básicos na outra. Rutter (1978), por exemplo, admite um prejuízo primário na linguagem mas admite também déficits sociais muito precoces como a falta de resposta social a outros. Além disso, outros argumentam que um determinado prejuízo primário mas admite que também é possível. Wing (Shah & Wing, 1996) admite déficits quanto à percepção de prazeres e de interesses, isto como um déficit cognitivo. Mas aceita que os déficits de anormalidades sociais estarem na base da deficiência de cognição social. Outros, ainda, afirmam não haver diferença entre linguagem e social considerando, como Lord (1985), a linguagem como um ato social que parece, assim, inconclusiva.

Um melhor entendimento deste explicitação e análise dos pressupostos e visões de sujeito sustentadas por ambas tanto, serão comparados, a partir de sua inato, o enfoque cognitivista – a partir de prejuízo da linguagem – e o enfoque des-

O enfoque desenvolvimentista não descarta o inato mas procura analisar sua articulação com as experiências sociais, considerando sua participação na construção das capacidades específicas dos humanos. Desta maneira, adere a uma visão construtivista/pragmática de sujeito – uma visão social. Isto não significa afirmar que não há nada de inato; significa considerar que o que possa haver de inato possibilita certas construções. A linguagem é concebida como um forma de ação; como uma prática social. Em outras palavras, dada uma base inata, é no contexto de interações sociais que são construídas as capacidades especificamente humanas (Vygotsky, 1984; Wittgenstein, 1958). O foco está no processo de construção/desenvolvimento.

No caso do autismo, de acordo com o enfoque cognitivista, por ter o módulo da linguagem prejudicado, a criança não é capaz de se comunicar; não pode interagir socialmente. Há aqui uma perspectiva determinista. As diferentes características de uma criança autista são vistas como sendo naturais e os diferentes quadros clínicos, apresentados por diferentes crianças, como se devendo, principalmente, a diferentes prejuízos ou etiologias de cunho biológico. Segundo o enfoque desenvolvimentista, dada a falta inata de sensibilidade, responsividade e expressividade emocional/afetiva/social, a criança autista não é capaz de intersubjetividade primária; não é capaz de estabelecer as proto-conversações, características das interações face-a-face. Como consequência, ela não será capaz de desenvolver/construir a fase de intersubjetividade secundária, a da proto-linguagem, que envolve a relação tripartite mãe-bebê-objeto. Seria esta a razão pela qual a criança autista não desenvolve a atenção compartilhada e a simbolização – a comunicação não-verbal, precursora da comunicação verbal. Aqui, as características comportamentais de uma criança autista devem ser avaliadas dentro de um contexto social, e os diferentes quadros clínicos de diferentes crianças como sendo consequência da conjunção de diferentes etiologias e diferentes histórias de relacionamento social. Para dar conta de determinado quadro comportamental, o foco estará

Estes diferentes enfoques de concepções de autismo, com a busca de uma etiologia quanto a de uma etiologia nunca é feita a partir de um enfoque teórico. No entanto, a tendência será procurar corresponder o biológico e o comportamental, dar conta de todo o quadro com o enfoque construtivista, a tarefa complexa dada a multiplicidade de observações. Quanto à intervenção, tenderá a enfocar características comuns, enquanto o construtivista procurará com o objetivo de retrair o casal, caso de uma criança de três anos, a interação social, por exemplo, os comportamentos característicos da infância secundária – contato ocular, observar a contingência das

## Referências

- American Psychiatric Association (1995). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (4<sup>a</sup> ed.) (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baker, G. P. & Hacker, P. M. S. (1984). *Language, sense and nonsense. A critical investigation into modern theories of language*. Oxford: Basil Blackwell.
- Baron-Cohen, S. (2000). Theory of mind and autism: A fifteen year review. Em S. Baron-Cohen, H. Tager-Flusberg & D. J. Cohen (Orgs.), *Understanding other minds: Perspectives from developmental cognitive neuroscience* (2<sup>nd</sup> ed., pp. 3-20). London: Oxford University Press.
- Bartak, L., Rutter, M. & Cox, A. (1975). A comparative study of infantile autism and specific developmental receptive language disorder: I. The children. *British Journal of Psychiatry*, 126, 127-145.
- Cairns, R. B. (1986). Social development: Recent theoretical trends and relevance for autism. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Social behavior in autism* (pp. 15-33). New York: Plenum Press.
- Camaioni, L., Perucchini, P., Muratori, F. & Milone, A. (1997). Brief report: A longitudinal examination of the communicative gestures deficit in young children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 27, 6, 715-725.
- Dawson, G. & Galpert, L. (1986). A developmental model for facilitating the social behavior of autistic children. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Social behavior in autism* (pp. 237-261). New York: Plenum Press.
- Dawson, G. & Lewy, A. (1989). Arousal, attention, and the socioemotional impairments of individuals with autism. Em G. Dawson (Org.), *Autism: Nature, diagnosis and treatment* (pp. 49-74). New York: Guildford Press.
- Eisenberg, L. & Kanner, L. (1956). Early infantile autism, 1943-55. *American Journal of Orthopsychiatry*, XXVI, 3, 556-566.
- Frith, U. (1997). Autism. *Scientific American Mysteries of the Mind, Special Issue*, 7(1), 92-98.
- Garfin, D.G. & Lord, C. (1986). Communication as a social problem in autism. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Social behavior in autism* (p. 133-151). New York: Plenum Press.
- Green, L., Fein, D., Joy, S. & Waterhouse, L. (1995). Cognitive functioning in autism: An overview. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Learning and cognition in autism* (pp. 13-31). New York: Plenum Press.
- Hermelin, B. & O'Connor, N. (1985). Logico-affective states and nonverbal language. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Communication problems in autism* (p. 283-310). New York: Plenum Press.
- Hobson, P. (2002). *The cradle of thought*. London: Macmillan.
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2, 217-250.
- Klinger, L.G. & Dawson, G. (1992). Facilitating early social and communicative development in children with autism. Em S. F. Warren & J. Reichle (Orgs.), *Causes and effects in communication and language intervention* (pp. 157-186). Baltimore, Mar: Paul H. Brookes.
- Lord, C. (1985). Autism and the comprehension of language. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Communication problems in autism* (pp. 257-281). New York: Plenum Press.
- Olley, J. G. (1985). Social aspects of communication in autism. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Communication problems in autism* (pp. 311-328). New York: Plenum Press.
- Rapin, I. (1996). Historical data. Em I. Rapin (Org.), *Principles and practice of communication. Developmental language disorder, autism, and related disorders*. New York: Mac Keith Press.
- Richer, J. (1976). The partial noncommunication of culture: A re-appraisal of the application of human ethology. Em M. Rutter & E. Schopler (Orgs.), *Autism: A reappraisal of concepts and treatment* (pp. 47-61). New York: Academic Press.
- Rutter, M. (1968). Concepts of autism: A review of recent literature. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 9, 1-25.
- Rutter, M. (1976). Language disorder and infantile autism. Em E. Schopler (Orgs.), *Autism: A reappraisal of concepts and treatment* (pp. 1-16). New York: Plenum Press.
- Rutter, M. (1978). Diagnosis and definition of childhood autism. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 19, 139-161.
- Rutter, M. & Schopler, E. (1988). Autism and pervasive developmental disorders: Concepts and diagnostic issues. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Diagnosis and assessment in autism* (pp. 15-36). New York: Plenum Press.
- Schopler, E. & Mesibov, G.B. (1986). Introduction to social behavior in autism. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Social behavior in autism*. New York: Plenum Press.
- Shah, A. & Wing, L. (1986). Cognitive impairments affecting children with autism. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Social behavior in autism* (pp. 153-169). New York: Plenum Press.
- Stone, W. L., Ousley, O.Y., Yoder, P. J., Hogan, K. L. & Risch, N. (1993). Nonverbal communication in two- and three-year-old children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 27, 6, 611-620.
- Trevarthen, C., Aitken, K., Papoudi, D. & Roberts, J. (1984). *Autism: A developmental perspective*. London: Lawrence Erlbaum.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Walters, A., Barrett, R. P. & Feinstein, C. (1990). Social communication in autism: Current research, issues, directions. *Research in Developmental Disabilities*, 21, 303-326.
- Waterhouse, L., Wing, L. & Fein, D. (1989). Re-evaluating autism in the light of empirical research. Em G. Dawson (Org.), *Autism: Nature, diagnosis, and treatment* (pp. 263-281). New York: The Guilford Press.
- Wing, L. (1980). Diagnosis, clinical description and prognosis of autism. In J. R. Knobman (Ed.), *Early childhood autism. Clinical, educational and social aspects* (pp. 1-12). New York: Pergamon Press.
- Wing, L. (1981). Language, social, and cognitive impairments in autism and mental retardation. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 11, 11-29.
- Wing, L. (1988). The continuum of autistic characteristics. Em E. Schopler & G. B. Mesibov (Orgs.), *Diagnosis and assessment in autism* (pp. 1-16). New York: Plenum Press.
- Wing, L. & Gould, J. (1979). Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: Epidemiology and classification. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 9, 1, 11-29.
- Wittgenstein, L. (1958). *Philosophical investigations*. Oxford: Clarendon Press.